

MORABEZA FUTEBOL CLUBE

***Spoiler: este artigo está recheado de parênteses explicativos, seja para tentar esclarecer o texto, seja para o autor ter certeza do que está falando.**

aviso: ele foi escrito antes de Cabo Verde ir pro mata-mata e de Vozinha virar herói da criançada.

Pousando em Praia, capital de Cabo Verde, coloquei na cabeça que precisava decifrar dois mistérios que me consumiam já antes desta viagem; como admirador daquela ilha africana que fala português, como aficcionado por FUTEBOL (mais pelo Timão eh oh, do que pela seleção cana(st)rinha):

- 1- O que quer dizer MORABEZA, que a gente ouve aos 4 ventos (e bota vento nisso), palavra sempre dita num delicioso e enigmático crioulo?
- 2- Como esse povo alegre e simpático, está encarando a ida de sua seleção para a Copa do Mundo, pela 1.ª vez em sua história?

Desembarquei, já todo suado pelo calor úmido, pensando em encontrar um dicionário para matar minha curiosidade linguística e uma loja de esportes para comprar uma "camisola" da seleção dos tubarões azuis, do meu tamanho (tenho obesidade grau 1, segundo o último censo do meu plano de saúde).

Instalado num hotel, na praia da Gamboa, perto das obras de um megaprojeto de um hotel-cassino chinês, atualmente abandonado, comecei minha pesquisa vernacular: toda vez que virem a palavra MORABEZA escrita num gadget eletrônico qualquer, ela vai estar sublinhada pelo corretor ortográfico, que não a reconhece (mesmo os dois, corretor e palavra, sendo portugueses).

MORABEZA é uma expressão usada exclusivamente em Cabo Verde, como a saborosa cachupa: refogado de feijão e milho estufados, com nacos de carne (porco ou peixe) e muitos legumes não-identificados, que boiam náufragos no seu prato; uma receita local que se come no pequeno almoço (café da manhã), no médio almoço, no grande almoço ou em todas as horas que se estiver com muita fome. Tanto a palavra, como a iguaria gastronômica, não foi exportada, ficando circunscrita àquelas 10 ilhas, de origem vulcânica.

TEXTO E FOTOS: DI MORETTI



Aqui vale a pena falar um pouco da história de Cabo Verde: Segundo os colonizadores portugueses, as ilhas eram desabitadas quando eles chegaram (em 1460) e apenas serviam de entreposto para suas caravelas serem reabastecidas, na vergonhosa viagem que faziam, da África para a América, levando escravizados nos porões de suas galés. Esta versão frágil e parcial tem seus opositores que dizem ter havido lá um povo originário (possivelmente indígena) que foi, mais uma vez, varrido pra baixo do tapete da história oficial.

Enfim, não se sabe ao certo quando MORABEZA ganhou as praias e as ruas e deixou as bibliotecas e os alfarrábios caboverdianos. O que se sabe é que esta palavra parece ser uma contração de uma expressão: "amor à beça", que dita em sequência e com rapidez se transforma na charmosa MORABEZA. Ou seja, ela não é apenas uma palavra, mas sim um estado de espírito explícito que quer dizer amor, gentileza, carinho, tesão, desejo e demais variantes.

MORABEZA, mesmo sendo um substantivo abstrato, conhecido apenas nas ilhas, é de origem imprecisa. Expressão esta que deve ter nascido de um grande amor perdido, afogado em generosas doses de grogue, sob o som de uma morna dor de cotovelo (quase um pleonismo, quase um fado).



Dirimida a dúvida do vernáculo, me restava ir atrás de entender a paixão dos caboverdianos pelo FUTEBOL. Como disse, desembarquei suado, achando que ia encontrar um país em festa, bandeiras nacionais flamulando nas janelas das casas coloridas, pessoas ostentando orgulhosas suas camisetas da seleção... Ledo engano, achei até que Cabo Verde pudesse ter sido desclassificada sordidamente, na surdina, pela FIFA, por algum motivo torpe, como a Rússia e possivelmente o Irã.

Apesar de ser o esporte predileto dos caboverdianos (mais de 75%), esta paixão me pareceu bem amena e, porque não dizer, bem normal (muito ao contrário da gente aqui). No segundo dia, mais conformado com a realidade local, fui atrás de testemunhos sobre a febre do FUTEBOL em Cabo Verde. Devo confessar minha total ineficácia nesta pesquisa de campo, não consegui nada além daquelas frases chavões, que tanto estamos acostumados e que no fundo não querem dizer porra nenhuma.

Tentei apelar para o lado mais exotérico, das tradicionais mandingas ligadas ao FUTEBOL, esperando encontrar uma sociedade secreta tribal que sacrificasse algum animal exótico africano, em prol de um gol, de uma taça, mas nada. Lembrei até do documentário que escrevi anos atrás ("23 anos em 7 segundos", sobre o jejum corintiano) e das sábias palavras do Craque Neto sobre superstição no futebol. Indagado sobre passar embaixo de escadas ou mesmo evitar gatos pretos pelo caminho, ele foi curto e direto: "quero mais que esse gato e essa escada se fodam!".

Bem, me restou curtir a festa da ida dos tubarões azuis para a Copa do Mundo, comigo mesmo, torcendo para Cabo Verde, usando uma camiseta oficial. Ai, comecei outra saga, não havia mais nenhuma pra dar ou vender, estava tudo esgotado. Mas, sempre existe um jeitinho, na ilha, se o turista se conformar com o comércio paralelo chinês. Você pode conseguir de quase um tudo: um hotel cassino, uma universidade, uma churrascaria rodízio ou mesmo uma camiseta da seleção.

E, lá fui eu atrás de uma lojinha sino-caboverdiana. Imediatamente me dei conta que não lembrava de nenhum chinês gordo e constatei que toda e qualquer vestimenta confeccionada entre as muralhas são minúsculas. Mas, cego por minha paixão pelo FUTEBOL, adquiri uma camiseta 2XL (que serviria bem no boneco Ken, mas que em mim ficava parecendo o Senhor Barriga usando um "tomara que caia").

Enfim, passei mais alguns dias na ilha, regados à Africana (saborosa cerveja local), embalados ao som das tabankas (prima-irmã do samba brasileiro) e na voz grave e deliciosa de Fattú Djakité (cantora de Guiné Bissau), que se apresentava no Kriol Jazz Festival, em Praia. Experiências sensoriais e degustativas compartilhadas com caboverdianos incríveis; todos muito parecidos com a gente, talvez menos neste aspecto de vibrar, como um imbecil como eu, por FUTEBOL.

Do meu lado, aqui em casa, na frente da TV, usando minha minúscula camiseta da seleção de Cabo Verde, que mal cobre meu umbigo, vou torcer fervorosamente para que os tubarões azuis passem pelo difícil grupo H, na Copa do Mundo, superando Espanha e Uruguai, numa zebra tipicamente africana, porque aquele povo merece, porque aquele povo tem muita MORABEZA pelo FUTEBOL.

